

POMPA E CIRCUNSTÂNCIA*

Jacinto Rego de Almeida

Depois, Machado debruçou-se sobre a África, continente que pouco conhecia. A África que fizera a fortuna do tio, de Fátima, a África dos grandes conflitos políticos, e do interesse da política externa portuguesa devido às relações especiais com as ex-colônias. A África de baixo custo de vida, dos grandes espaços e dos belos pores-do-sol. Lembrou-se de como a sua casa em Lisboa era apertada e sem luz. E, sentado na sua sala do Ministério, Machado avaliava um posto a preencher, num país próximo de Moçambique, na costa do Oceano Índico. Botwana, um país à beira da guerra. Seria um posto correto para o seu tempo de serviço e oportuno para a sua carreira. Uma carreira é uma história, e para levarmos a vida a cabo, com coerência e com sentido, a vida tem que ter uma história. E a história da vida de um diplomata é a sua carreira. O posto em Botwana dar-lhe-ia uma experiência africana *in loco*, que não possuía e ser-lhe-ia, com certeza, de grande utilidade para o futuro. O país tinha belas praias e um punhado de ilhotas, batidas pelo vento, quase desabitadas e “excelentes para realizar mergulhos e caça submarina”, segundo informações de um colega que passara por Botwana, em trânsito. Essas pequenas ilhas permitiam uma extensa zona territorial de pesca em águas disputadas pelas frotas pesqueiras dos países mais desenvolvidos, nomeadamente do Japão. O conflito e a iminência de guerra com o país vizinho da costa africana tinham como pretexto a soberania sobre essas ilhas. Uma questão que remontava aos acordos das antigas potências coloniais, com especial participação da Grã-Bretanha. Machado leu esses tratados na biblioteca do ministério, e percebeu que as normas do direito internacional apoiavam Botwana.

Lopes Machado lia e relia relatórios sobre os países da costa oriental de

(*) Excerto de conto em preparação, cujo título ainda é provisório.

África. O país inimigo de Botwana, por força de recursos da exploração de petróleo, dispunha de um aparelho militar, sobretudo meios aéreos, muito superior. E uma crise política no Botwana, que Machado acompanhava com preocupação, parecia impelir os dirigentes políticos a desviarem a atenção da situação interna para o apelo patriótico da guerra externa. Isto já acontecera em outras ocasiões, mas talvez com contornos menos graves dos que se podiam agora verificar. Os dados estavam lançados. Lopes Machado não deixava de referir-se em conversas com colegas à responsabilidade dos “dossiers” que tinha entre mãos. E ao mesmo tempo fazia circular a idéia de que a sua próxima nomeação para aquele posto parecia representar o apoio do governo ao reforço das relações com Botwana, um país à beira de um conflito armado. A opinião pública portuguesa tinha notícias escassas e pouco precisas sobre a situação, invasões de espaços aéreos e acusações mútuas de dirigentes políticos dos dois países chegavam à imprensa em pequenas notas das agências internacionais.

O embaixador de Portugal em Botwana, um funcionário à beira de aposentar-se, aplicado jogador de golfe, com o prestígio em decadência pelo vício crescente do alcoolismo, recebeu enfim a comunicação da nomeação do secretário Antônio Lopes Machado.

O diplomata embarcou no avião numa sexta-feira à noite, chuvosa e triste, sem ninguém a despedir-se. A viagem, com mudanças de avião, demoraria cerca de 16 horas. Ele não conseguia dormir. Recostado, com os olhos fechados, a mente era-lhe assaltada pelo grito do seu colega “eu não vou mais carregar pianos para outros aparecerem nas fotografias. Estou farto, farto”, por uma frase de um livro de Jorge Luís Borges em que o autor refere que a boa literatura é bastante corriqueira e se pode encontrar até no diálogo de rua, pela cara de Matilde e pela forma do seu crânio estreito atrás o que reflete uma capacidade mental limitada e uma personalidade inconstante, como se faltasse um bocado à cabeça. E voltava à frase de Borges, até que quase adormeceu. Mas lembrou-se do seu falecido tio “Fátima punha-se de quatro, eu punha-me de joelhos por trás dela, ela voltava a cabeça, sorria-me...”, e de um livro de contos de Henry James em que o autor defende a suposição de que as obras de arte são infrequentes e de penosa realização. Quem teria razão, Henry James ou Borges? Depois, adormeceu.

No pequeno aeroporto internacional de Botwana, aguardava-o o motorista da missão. No trajeto para a embaixada, dois zebus pastavam soltos na beira da estrada. No caminho, o motorista disse “estou no posto desde o Embaixador Sá Teixeira, há mais de vinte anos. E já fiz de tudo, descarreguei caminhão, desentupi fossa, e agora...” e apalpou bem o volante do Mercedes. A missão ficava situada no fim de uma pequena rua sem saída, cercada por barracos. Crianças pobres sentavam-se no passeio e brincavam com bolas de plástico. A bandeira portuguesa içada estava desbotada. Machado saiu do carro, olhou à volta, respirou fundo e entrou na casa. As instalações da missão, num amplo terreno relvado, compreendiam um escritório, duas grandes salas bem deco-

radas e quatro quartos para alojamento do embaixador e do substituto. Uma colcha de Castelo Branco, tapeçarias de Portalegre, tapetes de Arraiolos e diversos quadros e gravuras de pintores portugueses espalhavam-se pelos cômodos. A manutenção da casa era assegurada por um velho funcionário português que sofria de psicose doméstica. Era obcecado por arrumação e limpeza a ponto de dificultar a utilização de alguns cômodos, fechados, para protegê-los da sujidade. A propósito de nada ele disse a Lopes Machado, enquanto lhe mostrava as instalações, “das hortaliças a que eu mais gosto é a couve-flor”. O diplomata sorriu.

O embaixador e Machado estavam presos a Lisboa e ao ministério por um telefone, um telex e a mala diplomática quinzenal para troca de ofícios, jornais e correspondência particular. Um fax estava prometido, a aguardar disponibilidade de verbas. Naquele lugar distante do Oceano Índico, os funcionários diplomáticos representavam o país, o presidente da República, ou o governo, conforme as conveniências da situação. “O estado é infinito”.

A capital era pior do que Machado supunha. Apesar de uma praça bem cuidada e de algumas bonitas construções da época colonial, a cidade estava abandonada, mantida por péssimos serviços públicos, com uma incalculável miséria e patrulhada permanentemente por militares de fardas rasgadas e em muitos casos até mesmo de pés descalços. A população parecia formada por gente danada pelo sofrimento, pelas privações, pela doença, pelas dificuldades existenciais, pelo orgulho, pela cólera, pelo espírito de competição, pela incapacidade de suportar críticas, por projeções hostis, por desilusões, e sobretudo pelo medo. Gente enlouquecendo dia a dia, devagar. No primeiro dia que saiu à rua, Machado viu um mulato esfarrapado, deitado no chão, a masturbar-se junto a um chafariz. As pessoas não olhavam, pareciam anestesiadas. A violência latente, a umidade pegajosa do clima tropical, os bandos de mendigos, cegos, desempregados e ambulantes, nas ruas e passeios, e os pequenos roubos praticados por adolescentes às claras e impunemente davam à cidade um clima de guerra civil não declarada. Apenas a praia que contornava boa parte da capital parecia contribuir para amolecer as tensões.

No primeiro mês Lopes Machado fez as protocolares visitas de cumprimentos aos seus pares das embaixadas dos outros países.

O conselheiro da Checoslováquia era um funcionário de meia-idade, correto, muito reservado e parecia possuído por um grande segredo. A conversa foi breve.

O representante da Grã-Bretanha era uma jovem e bonita funcionária com longos cabelos louros, muito alta, que parecia mover mal o seu corpo e receava tropeçar nos móveis da sala. Na conversa amena referiu a sua grande preocupação pela situação do país e desejou as boas vindas ao diplomata português. Antes de se despedir ainda mencionou o incômodo dos “black-outs” cada vez mais frequentes, devido ao receio de um ataque noturno de surpresa. Ela deixou uma boa recordação a Lopes Machado, uma fugaz perspectiva de encanto.

O representante do México era um homem volumoso com um bigode negro e um cinto largo. Fumava charuto. Também falou sobre a possibilidade de guerra e contou, com alguma excitação, que um seu colega em posto no interior do Japão lhe comunicara em caráter particular a próxima chegada ao país do chefe de uma “yakuza” do Japão. “Sabe o que é uma yakuza? ele perguntou.” “Já ouvi falar”, respondeu Machado. O mexicano, chamava-se Romero, deu uma tragada e continuou “são organizações criminosas que escondem as suas atividades por trás de firmas de fachada. Neste caso uma empresa especializada em casamentos e funerais, veja só, casamentos e funerais”, e riu-se. Depois engasgou-se com o fumo do charuto e tossiu. “Esse gângster japonês viria com o intuito de vender armas ao governo”, acrescentou o diplomata mexicano. Machado despediu-se, e achou que Romero era um homem inocente. E lembrou-se que a inocência pode ser uma forma de insânia.

Nestas visitas de cumprimentos aos diplomatas das outras embaixadas as conversas alongavam-se mais ou menos conforme o nível de relação entre os dois países ou a simpatia pessoal do interlocutor.

Mas naquele dia, e esse seria um dia importante, há dias assim, em que coisas comuns acontecem mas acertam-se numa zona qualquer do cérebro que não estava preparada para aceitá-las, sabe-se lá por quê, não estava preparada naquele dia, e logo foi acontecer naquele dia. De manhã Machado foi à praia. Praia bonita com coqueiros e águas límpidas, de onde podiam ver-se as ilhas, motivo de disputa política. Um paraplégico estava deitado perto do diplomata com a cadeira de rodas ao lado. Um ladrão aproximou-se e roubou a cadeira de rodas e rapidamente entregou-a a um mendigo paralítico em troca de suas sandes de fiambre, à vista de toda a gente. O mendigo, com calma, atravessou a rua, a mover as rodas da cadeira, a rir-se e a cantar alto. Machado, que a tudo assistiu, sentiu-se inseguro, teve uma tontura, afastou-se e foi abrigar-se na chancelaria.

E lá ficou à espera do mal. Que mal? Uma angustiada espera do mal. A lucidez que sentia em Lisboa dava lugar a incertezas e a divagações. Apodera-va-se de Machado a necessidade de se explicar, de se clarificar, de elaborar uma perspectiva. A escolha de Botwana teria sido precipitada? O que fazia ele naquele buraco, rodeado de mendigos? Pensou em Matilde. De forma inconsciente, teria ela sido responsável por aquela escolha? Como se ela tivesse pensado, sem pensar, sim porque era uma ignorante, enganaste-me, logo irás para Botwana. Tavares, o teu principal adversário de concurso, subirá a passos largos, e tu, Machado, serás esquecido. Não, não podia ser assim. Tinha que haver uma saída. E nesse dia decidiu pedir uma audiência ao general ministro chefe da Segurança do Estado. Para quê? indagou-se. Apenas para conhecê-lo, e essa pareceu-lhe uma razão suficiente. Claro que ocultaria ao embaixador esse pedido de encontro. Não havia motivos nem equivalência hierárquica para esta iniciativa. Mas a audiência foi rapidamente concedida para surpresa de Lopes Machado.

No dia aprazado, uma semana depois, pareceu ao diplomata não existi-

rem motivos que tivessem justificado o pedido do encontro, mas era tarde para desistir-lhe. Ele foi pontual na chegada ao gabinete do ministro, um jovem general, preto, arrogante e reservado. Mas astuto, gostava de operar em linhas oblíquas e sinuosas tal como os diplomatas. Machado achou que o general era oriundo de uma província de montanhese, e estava certo.

O diplomata começou por dizer que chegara recentemente ao posto e que pretendia conhecer pessoalmente o general e apresentar-lhe cumprimentos.

"Hum", respondeu o ministro.

Lopes Machado disse que apesar de ter chegado há pouco tempo já se tinha apercebido das dificuldades que a cidade atravessava e da tensão criada por constantes ameaças e constrangimentos provocados pelo país vizinho.

"E o senhor veio aqui para me dizer apenas isso", interrompeu o ministro.

O diplomata hesitou alguns momentos, passou a mão pelos cabelos, limpou a testa com as costas da mão e sentiu o suor nas costelas a passar para a camisa. Achou que o general ainda tinha a linguagem do homem comum e sentiu o olhar fixo nele, à espera. Machado olhou o quadro pendurado, por trás da cadeira do ministro, uma gravura "O Mirante", de Mauritz Escher, com aquelas construções que não obedecem à lógica. Certamente comprado numa boa papelaria da Europa. Esta obra reproduz a figura maléfica de uma mulher com uma longa saia preta e um cabelo em forma de chifres que evoca Bosch. Machado respirou fundo e disse ter conhecimento da chegada de um importante "yakuza" japonês, nos próximos dias, ao país, para negociar armamento.

"Como é que o senhor sabe?", inquiriu o ministro.

"A fonte é confidencial e transmito-lhe a informação sob reserva", respondeu o diplomata.

O ministro riu-se, riu-se tanto, que quase caiu da cadeira. E depois disse:

"Sabe-me dizer se o japonês chega sexta-feira ou sábado?"

"Também não posso precisar", respondeu Machado.

"E ele traz autorização para negociar armamento eletrónico", insistiu o ministro.

"Tanto quanto sei, creio que sim. A minha fonte referiu-me os esforços que estavam a ser feitos nesse sentido", mentiu Machado.

"Ótimo, ótimo. Sabe que nós esperamos o ataque aéreo para a madrugada do dia 27, e esperamos ter em nosso poder o equipamento nessa ocasião. Senão..."

"Peço-lhe, senhor ministro, que mantenha reserva sobre esta nossa conversa, mesmo em relação ao meu embaixador".

"Claro, claro, não se preocupe. Como sabe, os diplomatas estrangeiros não se podem ausentar da capital por razões de segurança. São todos meus prisioneiros" — e riu-se. "Telefone-me se precisar de alguma coisa", e levantou-se para se despedir.

Lopes Machado apercebeu-se então de um pequeno quadro na parede lateral da sala, uma obra de Andy Warhol da série "Oxidações". Warhol trabalhara com a chamada "action painting", e realizou quadros abstratos que

continham urina e fezes dos amigos do pintor. Machado dirigiu-se para a obra, “vi uma exposição deste pintor em Nova York”. “Comprei este quadro quando visitei as Nações Unidas, o ano passado”, disse o ministro chefe da Segurança do Estado. E despediram-se.

Machado arrependeu-se de ter provocado esta entrevista, e saiu arrasado do encontro.

E nessa noite resolveu ir conhecer o La Boheme, o prestigiado, e único, bar da cidade, frequentado pelas autoridades locais.

Era cerca de meia-noite. Na porta via-se um ou outro carro diplomático, jovens autóctones bem vestidos a entrar e a sair e um porteiro corpulento, fardado, a facultar ou impedir a entrada. A noite é igual em qualquer parte do mundo, com os mesmos anseios e as mesmas esperanças, pensou Machado. Lá dentro, um ambiente aconchegante, pouca luz, mulheres sentadas ao balcão a conversarem entre si e a seduzirem clientes, funcionários do segundo escalão do governo, um ou outro diplomata, instrutores militares estrangeiros, traficantes de armas usadas em outras guerras, e música suave tocada por um pianista húngaro. “Como é que este tipo veio parar aqui?” perguntou alguém, “ele foi casado com uma indiana, grande plantadora de caju, e divorciou-se há pouco tempo”, respondeu o empregado.

Machado sentou-se só, e na mesa ao lado, também só, estava um homem de aparência distinta, melancólico, de constituição atarracada, com um rosto pálido e tristes olhos negros. Ele coçou a careca e cambaleou com o simples gesto de apanhar o copo. E disse a Machado que estava de passagem e que era banqueiro. Ele tinha uma voz profunda:

“O setor bancário é uma atividade simples, tola. O meu tio-avô na Síria financiava caravanas de camelos e negociava ouro durante o auge do Império Otomano. O meu pai Moses, levou a família para Beirute depois da Primeira Guerra Mundial e ensinou-me que se você empresta dinheiro demais a alguém, você transforma um homem bom em um homem mau.”

“E o que é que o senhor faz aqui em Botswana?”, indagou Machado.

“O que é que eu faço? Ora, o que é que o senhor faz?”, perguntou o banqueiro.

“Sou diplomata português”.

“Então não vou dizer o que estou a fazer aqui”, e riu-se.

Subitamente calou-se. Os seus olhos pareceram a Machado tomar a forma do olhar de um cão doente. Algum tempo depois disse que a sua fortuna pessoal beirava os dois bilhões de dólares. Machado pensou que esse dinheiro era superior ao Produto Interno Bruto de muitos países e regiões e equivalia ao orçamento do ministério de várias décadas, e surpreendeu-se com a dimensão daquele valor.

“E para quem vai ficar toda essa fortuna?”, perguntou o diplomata.

“Não tenho filhos. Depois que eu morrer, ficará tudo para os meus irmãos,” fez um gesto de indiferença e acrescentou “eu poderia comprar este país, a bandeira, o exército e ganhar essa guerra que vem por aí. Mas o que

faria com estas ilhas? Volto amanhã para Nova York. Quer alguma coisa de lá?”

“Não, obrigado”, respondeu Lopes Machado.

O banqueiro parecia dormir e o diplomata saiu do bar sem se despedir.

No fim da rua viu o carro do embaixador a encaminhar-se para o La Boheme.

Nos meses seguintes Machado adotou como estilo de vida uma solidão ociosa. Pouco saía, e da varanda da embaixada via-se cercado, dia e noite, por mendigos encostados às grades ou a dormir nos passeios.

Brasília, junho de 1994